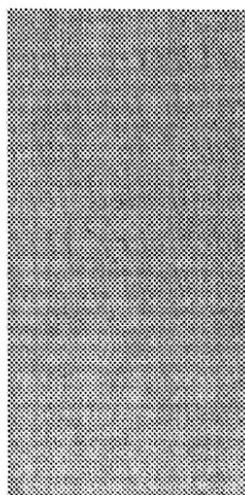


Adilson Cezar ()*

*A mulher sorocabana na Revolução Constitucionalista de 32 (**)*

(*) Professor da Universidade de Sorocaba, Coordenador do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UNISO e Presidente do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba.

(**) Originalmente o texto foi escrito para uma palestra em homenagem à Mulher Sorocabana participante da Revolução Constitucionalista de 32 e apresentada em reunião conjunta do IHGGS e da UNISO, através do NDPH, em 05 de maio de 1996.



RESUMO

O artigo destaca a importância de se desenvolver uma pesquisa sobre a participação feminina na Revolução Constitucionalista de 1932. Em Sorocaba, como em outras regiões do Estado, a mulher teve um papel fundamental no suporte e amparo àqueles que se encontravam no “front”. Elas estrategicamente apoiaram moralmente a Revolução, incentivando os homens a tornarem-se combatentes e criaram uma infra-estrutura capaz de atender os soldados em trânsito, alimentando-os, fardando-os, etc... Auxiliaram na manutenção da ordem, colaboraram em campanhas de donativos, foram enfermeiras e até substituíram os operários no manejo de máquinas industriais. O artigo lista algumas dessas heroínas e suas atividades na Sorocaba de 1932.

ABSTRACT

This article emphasizes the importance to develop a research on female participation in the Constitutional Revolution of 1932. In Sorocaba, as in many other regions within the state of São Paulo, women played a primary role in supporting and assisting those who were at the front. Strategically, they morally backed the Revolution, by pushing the men into becoming combatants and by creating an infrastructure capable of helping soldiers in transit, feeding and clothing them. They helped in keeping public order, in collecting donations, acted as nurses and even substituted for factory workers in maneuvering industrial machinery. This article lists some of these heroines and their activities in Sorocaba in 1932.

Todos os estudiosos da História Pátria, em um ou outro momento, perturbam-se com a indagação sobre a participação popular em nosso processo histórico e, consternados, observam que, na quase totalidade desta, o povo ficou à deriva, ausente completamente dos acontecimentos que se sucedem ininterruptamente e se impõem definitivamente. Esta é, sem dúvida, uma das diferenças essenciais que envolvem a Revolução Constitucionalista de 1932, a qual certamente é, em nossa historiografia, um dos raríssimos casos de mobilização total.

Infelizmente, apesar do muito que tem sido esse movimento pesquisado e esmiuçado, muito dele ainda precisa ser retirado de nossos arquivos e reinterpretado para uma visão globalizada de todo esse período histórico.

O tema a que hoje nos propusemos é, na realidade, mais uma problematização do que uma abordagem conclusiva. Nosso desejo é clamar pela atenção de toda uma juventude para que se aperceba da profusão de testemunhos à espera de um dedicado pesquisador que se resolva definir-lhe os numerosos contornos.

Certamente, no bojo deste, aparecerá a razão de muitas seqüelas que carregamos nos dias de hoje, e a compreensão desses fatos trará o entendimento de afirmativas como **até pode ser paulista, desde que não incomode!**

Mas vamos muito além ainda. A nossa sugestão é que se trabalhe demonstrando a participação da mulher dentro desses episódios, como voluntária ou convocada para a realização de trabalhos. Se aparentemente sempre foi considerada uma peça secundária nos acontecimentos, dada a sua pequena presença nos processos decisórios, é fundamental a sua desmistificação, porque podemos sem dificuldade perceber que se tornou um verdadeiro baluarte de apoio moral e incentivo aos combatentes.

Não vamos examinar as causas que levaram o povo paulista à Revolução. Elas são de sobejo conhecidas. Tratamos, isto sim, de revelar como foi decisivo, para que se conseguisse essa mobilização geral, o entusiasmo feminino.

Ao se fazer a Nova-História, certamente um dos capítulos básicos terá de ser dedicado a tal vontade participativa que as mulheres paulistas demonstraram, apoiando irrestritamente a causa e fazendo com que o brio masculino sobrepujasse a tendência natural da sobrevivência.

Emprestamos de Batista Pereira, constitucionalista devotado e gaúcho de nascimento, um trecho de sua ode:

A mulher paulista (que assombro é a mulher paulista), a mulher paulista entrou em cena. (...) Todas as classes e todas as profissões comungaram no mesmo fervor de sacrifício e dedicação, desde a operária modesta ao grupo de estrelas da moda, desde a serviçal doméstica às princesas de salão.

Epidermes que nunca haviam conhecido o calor de um fogão improvisaram-se rancheiras de batalhões e sofriam por longas horas sem murmurar o martírio da lenha verde molhada, cuja fumaça lhes arrancava lágrimas dos olhos; melindrosas assustadiças, cheias de não-me-toques e dengues, capazes de desmaiar ao contato de uma barata ou à vista de um camundongo, alinhavavam por oito dias um curso de enfermeira para acorrerem aos hospitais de sangue, e ali - por vezes debaixo de bombardeio - ajudarem as mais terríveis operações; mãos que só de nome conheciam a existência da agulha e do dedal começaram a não conhecer outra coisa na vida, curvadas dia e noite sobre a roupa dos soldados. Todas trabalham; todas cooperam; todas solicitam; todas dão; todas inventam; todas organizam. Graças a essa atividade de abelhas nada falta e tudo sobra. Sobram as rações. Cada soldado recebe, além da ração quotidiana, uma lata com outra que, além de sobressalente, é excelente. Faz frio nas montanhas e nas trincheiras; aparecem às centenas os agasalhos e as mantas de lã, feitas em crochê. É preciso assistir as mulheres e filhos dos combatentes. Surgem de um momento para outro instituições que os põem ao abrigo da necessidade e do desconforto. Há uma formidável emulação de fazer mais, em contribuir mais, em sacrificar-se mais pela terra querida. Somem-se todos os interesses superficiais da vida e todo São Paulo rutila no esplendor de um heroísmo sobre-humano.

Em diferentes ocasiões encontramos um comportamento jocoso por parte da mulher, para servir de estímulo à arregimentação de contingente. As versões são tantas que estas passam a integrar, diríamos, o folclore das diversas cidades paulistas. Trabalhando com muito bom humor, as mulheres tricotavam, costuravam réplicas de saias e de peças íntimas femininas e as enviavam aos rapazes que titubeavam em assumir uma postura de envolvimento. Em outros momentos são relatos em que jovens senhoritas, em um ímpeto de coragem, abordavam cavalheiros e ofertavam a estes pequenas “abotoeiras” para serem colocadas na lapela, tendo por símbolo uma saia. Nem se duvide, portanto, que outras mais ousadas e em grupos, ao perceberem jovens sadios, levantassem e movimentassem as saias para eles, no sentido significativo de que também as deveriam vestir. O grande historiador da Revolução Paulista, o Dr. Hernâni Donato, chega a este respeito dizer que, mesmo não oficialmente, essas mulheres integravam grupos secretos que remetiam peças do vestuário feminino, com não muita discrição, aos rapazes válidos ou em idade guerreira, que não se decidiam a procurar os postos de alistamento.

Nós nos dispusemos a recolher esses relatos-depoimentos sobre a postura da mulher paulista diante dos acontecimentos de 1932, porque eles cabem como um molde perfeitamente ajustado à posição histórica da Mulher Sorocabana.

Evidentemente que, pela adjetivação expressa, aquela já enquadrava esta, mas o historiador sente a necessidade de precisão e, por isso, vai em busca de elementos que o comprovem.

Assim Sorocaba, como todos os municípios paulistas, participou intensamente da heróica comoção que envolveu a totalidade de seus habitantes e destes, com particular destaque, a Mulher Sorocabana que, equiparando-se à atuação de suas contemporâneas das cidades-irmãs, construíram a dimensão que denominamos, ainda mais genericamente, de Mulher Paulista.

As atividades desenvolvidas pela Mulher Sorocabana para apoiar a Revolução Constitucionalista foram muitas e, de tal maneira é inteiriça a sua participação, que certamente a nossa tentativa de enumerar seus trabalhos vai incorrer em omissões.

Por isso não se tome esta listagem por acabada, mas antes apenas uma citação dos principais envolvimento: Corpo de Enfermagem; Serviço de Alimentação para Soldados em Trânsito; Confeção de Fardas; Coleta de Donativos; Coleta de Gêneros; Campanha do Ouro para o Bem de São Paulo; Serviço de Proteção às Famílias de Voluntários; Grupo de Assistência à População Civil; Supervisão de Serviços Femininos; Caixa Popular, que oferecia recursos para os Voluntários Carentes, etc.

A mobilização feminina foi geral e bem organizada, como se pode depreender do exemplificado no quadro de atividades. Quantas foram as mulheres sorocabanas envolvidas?

Não sabemos. As listas detalhadas foram para a cidade de São Paulo e aqui infelizmente ninguém cuidou de deixar cópia. Muitas foram destruídas, outras, quem sabe, poderão ainda ser encontradas e trazer à luz dados esclarecedores. Mas, na realidade, o importante é o conhecimento que temos da amplitude dos serviços prestados a par de uma dedicação ímpar, que demonstra a firmeza no ideal defendido - **a reconstitucionalização da Nação Brasileira.**

Não fosse essa a verdade insofismável, não encontraríamos explicação para a atitude da professora de Português do Ginásio Municipal, Francisca de Silveira Queiróz, que abandona sua sala de aula, trocando-a pelo serviço de corte e costura, para a confecção de fardas dos voluntários e, não dispensando seu preparo educacional, demonstra o seu grau de motivação compondo, para a juventude que se engajava, uma poesia:

MOCIDADE

Mocidade! Mocidade
varonil da minha terra
aprestai-vos para a guerra,
ideal da liberdade!

Já ressoam nos caminhos
os clarins libertadores...
Deixai lares, deixai ninhos,
não queirais ser desertores!

De uma raça de gigantes
descendei, moço paulista!
Certo os nomes bandeirantes
vos guiarão às conquistas...

Parte, parti sem demora,
lutar pela redenção!
Que um paulista não implora...
nem suporta a escravidão!

Era 27 de julho de 1932, quando a então jovem professora fez esses versos de incentivo, estavam nossas tropas na terrível luta de trincheiras, e qualquer palavra que oportunamente exaltasse os nossos atos tinha o efeito de acalento.

Em Sorocaba, assim que se tomou conhecimento do início das hostilidades, teve início a arregimentação popular e, de imediato, duas coisas faziam-se prioritárias: a alimentação das tropas que demandavam principalmente da capital para a fronteira sul e o preparo de fardas para os voluntários. Para se atingir essa ação, entretanto, era necessária antes uma campanha para obtenção dos tecidos e dos gêneros alimentícios. Coube aos senhores Dr. Avelino Lemos Júnior, delegado de saúde da cidade e ao Prof. Basilides de Godoy, diretor da Escola Profissional (hoje Escola Técnica Industrial “Prof. Rubens Faria e Souza”), junto com os colaboradores Dr. Aristides Ricardo, Dr. José Carlos de Salles Gomes e o Prof. Diógenes de Almeida Marins, iniciar o recrutamento feminino que iria se desincumbir dessa imensa tarefa em curtíssimo espaço de tempo.

Sorocaba, grande centro industrial têxtil, encontrou com facilidade o apoio desse setor, que fez doação do tecido para a confecção dos uniformes; os botões, as linhas e demais aviamentos coube ao comércio franqueá-las. A declaração da

jovem Maria de Lourdes Dias Giapponesi, então com 16 anos de idade e aluna da Escola Profissional é enfática: “Nós tínhamos de sair pedindo aviamentos nas lojas para costurar e fazer as roupas dos soldados”. Mas a enorme tarefa da confecção das fardas ficou ao encargo das mãos femininas, em especial das normalistas e professoras do Ginásio e Escola Normal, que obedeciam às instruções de Savério Fazzio e um grupo de alfaiates. Segundo Maria de Castro Afonso Marins, “trabalhava-se o dia todo até não haver mais fazendas”. Pouco a pouco o número de fardas de brim cáqui vai se avolumando. E na Escola Profissional o mesmo acontece com as roupas brancas que estavam sendo feitas. Entre as professorandas dessas escolas que se debruçaram para costurar uniformes e bandeiras, podemos destacar a Profa. Guiomar Novaes, sob cuja direção uma sala de aula se transformou em oficina de costura. Citamos à guisa de recordação as moças Aracy Grohmann Rodrigues, Dulcina Martins, Esther Bernardi, Lourdes Rios Vieira de Souza, Maria Aparecida Neves Cardoso, Maria do Carmo Ribeiro Puglia, Maria da Piedade Monteiro, Francisca Almeida, Zizi Amaral Silveira, Nair Lima, Olga Bernardi e Olinda de Almeida Mastrandéa, entre várias outras.

Da então Escola Profissional, ocuparam-se de diferentes misteres, desde a manutenção da cozinha para fornecimento de alimento aos soldados em trânsito, o chamado “lanche expresso”, à confecção de fardas, entre professoras e alunas: Amélia Cezar Machado, Maria Amélia Mascarenhas, Clotilde Machado Ribeiro, Marília Dirce F. Silva, Rosa Alfieira, Graziela Pereira Leitão, Maria de Castro Afonso Marins, Paulina Cipullo, Olga de Carvalho, Irene Ramos Soares, Julieta Moraes Cruz, Amélia Sampaio, Rosa Lisboa, Odila Scherepel, Carmen Dias e Maria de Lourdes Dias Giapponesi.

Na Escola Normal de Sorocaba, em sua seção de costura e coleta de donativos, atuaram seus corpos docente e discente, além das supracitados no parágrafo anterior, as seguintes senhoras: Elvira Malheiro de Almeida, Clotilde Russo, Sylvia Camargo Baldy, Luzia Caracante, Zizi Oliveira Lima, Lúcia Dias, Maria Diampéa de Souza, Anita Franceschini, Eromilda Vial, Martha Leme de Camargo, Dulce Martins, Anita Carvalho, Mafalda Bernardi, Irene V. Theodósio, Judith Sisternas, Ana Rogich do Rego, Albertina Faria, Natalina Padilha, Maria da Glória Dias, Olga Camargo, Maria Conceição Neves, Idaty Madureira, Maria Piedade Monteiro, Conceição Gomes, Maria Joana Faigle, Elizária Fontão, Maria das Graças Arruda, Carlinda Alves, Maria das Graças Madureira, Joaquina Flores, Lucia de Almeida, Eneida Arruda, Ondina Santoro, Inez Pereira, Alice Maciel, Elvira Paschoal e Olívia Catuzzo.

Na iminência dos combates, uma desagradável realidade tinha de se fazer presente: era importantíssimo que nos preparássemos para amparar os feridos e

por isso urgia pessoal treinado no serviço de enfermagem, tanto para o atendimento posterior como aquele imediato, no “front”. Dessa forma o Dr. José Stilitano, na Santa Casa de Misericórdia de Sorocaba, preparou o primeiro curso de noções rápidas de enfermagem. As primeiras sorocabanas a freqüentar essas aulas foram Carolina Cardoso, Leonor Cardieri, Alice Correia, Amélia Ribeiro Garcia e Antonieta Mesquita. Posteriormente inscreveram-se as senhoras Isabel A. Carvalho, Maria Belluci, Zulmira Betti, Maria José Nogueira Sales, Marieta Ferraz Luz, Marina Vergueiro Forjaz, Zélia Vergueiro Forjaz, Elvira Barbaresco, Idalina Barbaresco, Gessy Martins, Marina Cangro e Olinda Mendes.

Com a finalidade de sensibilizar cada vez mais a população, constituiu-se em Sorocaba um grupo denominado pela imprensa de “Caravana Cultural”. Tratava-se da liderança intelectual que, em andanças por todo o município, naquela época compreendido pelos distritos de Votorantim, Araçoiaba da Serra, Salto de Pirapora e outros, fazia em praça pública inflamados discursos. Dessas peças oratórias alguns trechos chegam até nós, pelos quais podemos entender o seu sucesso contagiante.

Esequiel Freire, em uma de suas alocuções, pede à mulher sorocabana o exemplo:

Nesta admirável arrancada, o papel magnífico na decisão dos acontecimentos. Mandai vossos filhos e irmãos para o campo de luta e derramai a lágrima da saudade e da dor, tocai nos corações amigos, pedindo que sigam para a luta e que nesse inferno e na dor de uma ferida saibam levar avante a bandeira que empunham.

De autoria dos diretores da Fábrica da Votorantim é o seguinte texto, que estimula pelo exemplo, principalmente quando assinam também pelos dois filhos que se encontram combatendo na Frente Norte: “É a esposa que, com o filhinho ao regaço, no amplexo de despedida, diz ao extremoso marido: - segue a luta pela vitória, pela vitória de São Paulo, que é a vitória de todos os nossos irmãos brasileiros”.

Os jornais da época constituem-se em um inesgotável manancial para se descobrir fatos curiosos, relatos que confirmam aquela vontade de se doar pela causa, não se importando com as conseqüências que poderiam advir. Durante a partida de um trem de Sorocaba com destino à Capital, o sargento passava revista nos setenta e oito voluntários, quando entre estes encontrou uma destemida jovem, que se apresentou como sendo Luiza Angrisani. Questionada pelo embarque clandestino, confirmou seu desejo de prestar serviços a São Paulo, recolhendo dos voluntários vivos aplausos. Mas não podendo deixá-la seguir com o batalhão a São Paulo, foi encaminhada para uma casa de família, que lhe

forneceu abrigo, e matriculada em curso de enfermagem para posterior concretização de seu explícito desejo - **Pro São Paulo Fiant Eximia.**

✓ O número de mulheres a apresentar-se aos comitês do MMDC, que atuava na coordenação das atividades da população civil, era sempre crescente; embora sem ter acesso às listas, as informações que por motivos diversos mereciam da mídia uma divulgação exclusiva chegam até nós. Assim o noticiário social anunciava que a jovem senhorita Ana Maria Belluci havia procurado uma dessas organizações, colocando-se à disposição para quaisquer trabalhos. Certamente a publicidade dada à ação da moça de sociedade repercutia pelo exemplo e ativava o ânimo das mais recalcitrantes. Se isso acontecia com as moças, o que dizer então de seus reflexos entre os rapazes que ainda não haviam se colocado à disposição de São Paulo? Era o motor vivo da comunidade a reclamar uma posição dos ainda indecisos. Questionavam os seus maridos, os seus noivos, e predispunham os seus filhos para a luta pela santa causa da terra paulista.

Outro lado interessante para ser creditado como estratégia utilizada para otimizar os recursos humanos é obtido do relato da estudante Maria de Castro Afonso Marins (que estudava na época na capital): “Fomos convocadas para a cozinha de emergência que foi instalada na escola. A freqüência era contada como aula. Como eu era do interior, não podendo ficar em São Paulo, fui transferida para Sorocaba. Colaborei como se estivesse em São Paulo e a minha freqüência foi contada lá, para efeito de promoção para o 2º ano, pois esse ano (1932) passamos por decreto”.

Como musa inspiradora a figura feminina tinha seu destaque especial no ritual de despedida da tropa. Do esforço sorocabano resultou a rearticulação do Tiro de Guerra 359, constituído por apelo aos reservistas de 1927. Depois de armados e municados, fardados, enfim equipados, chega o grande dia do embarque para um destino incerto, embora eivado de esperanças. No dia 21 de julho, a Praça Cel. Fernando Prestes, às 14 horas, estava toda tomada. A tropa formada recebeu a bênção do Cônego Francisco Cangro e a Bandeira a ser defendida das mãos de três moças. O inflamado orador foi o Prof. Renato Sêneca de Sá Fleury, mas os sentimentos femininos encontraram eco nas palavras da jovem Maria Anita Espelho que incitou os rapazes à bravura, ao destemor pela causa maior. Sob os acordes da banda “Carlos Gomes”, que abrilhantou todo o ato cívico-militar, todos acompanharam o pelotão à estação para a despedida. Após a saída do trem, a população ainda emocionada retorna até a Catedral, com a Bandeira Nacional desfraldada e transportada por Branca Amaral, que a colocou junto à imagem de Nossa Senhora da Aparecida.

Entretanto era preciso mais, São Paulo precisava, São Paulo merecia, era fundamental a organização para uma perfeita operacionalização e ainda mais

que o cerco feito por mar, por terra e pelo ar da terra paulista já começava a produzir seus primeiros efeitos e fazia se sentir a ausência de produtos vitais. A mulher era, por trás das linhas de combate, o elemento disponível e disposto para essa função. Sorocaba, em fins do angustiante mês de julho de 32, apresenta a constituição de um Batalhão Feminino, que receberia por batismo o nome do Governador. A organização deste coube à nossa juventude feminina composta por Maria Anita Espelho, Jorgina Ayres, Conceição Taborda e Ana Maria Belucci, sendo que sua primeira reunião aconteceu nos altos do Palácio Kalil. Mais tarde outras juntar-se-iam a esse Batalhão, como Carmen Moreno, Maria Nazareth Moura, Maria Conceição, Benedicta Moreno e Alzira Marins.

A retirada dos homens para a força de combate em algumas famílias causava justificados transtornos, sendo necessário que a coletividade as amparasse em suas necessidades, principalmente quando apresentadas em forma de mantimentos e medicação. Para atuar nessa área de proteção às famílias de combatentes, adiantaram-se as jovens Terezinha Dal Pian, Rita Wilda, Rosa Cavone, Leomina Vianna, Maria Nardi, Maria Izabel Nogueira, Irene Pereira Inácio, e Ida Barroneti, entre outras

Na denominada Caixa Popular, organismo criado para oferecer recursos aos voluntários carentes que desejassem seguir para a capital e assim tivessem garantida a sua estada, a equipe esteve representada por: Carmen Seabra Fleury, Maria Simões, Carolina Magaldi, Floriza Mascarenhas, Clarinha Cabral e Branca Amaral.

Atendendo a convite do Comitê do MMDC, o cabo de reserva do TG 359, Vicente Russo, assumiu as funções de instrutor do Batalhão Feminino, que contava com dezesseis moças. As componentes desse Batalhão seriam designadas a auxiliar na Santa Casa de Misericórdia de Sorocaba, sendo que seis delas seguiriam para o local dos combates.

Com respeito à atuação desse Batalhão, o Secretário do Governador Pedro de Toledo, Cassiano Ricardo, se manifestaria diretamente a Maria Anita Espelho, agradecendo em nome do Governador a “solidariedade, que bem reflete o civismo da mulher paulista, nesta hora de extraordinária significação para os destinos da nacionalidade”.

Na Campanha de Ouro para o Bem de São Paulo, a contribuição de Sorocaba também se fez tão vultosa como emocionante. Quem poderia ter isenção de ânimo, ao presenciar um casal idoso retirar de seus dedos as alianças de casamento de 23 anos de feliz união e depositá-las para a grandeza do povo paulista? A cena foi descrita pela sorocabana Ana Maria Belucci e o casal era Maria Ferraz Cunha com o seu marido José Petrucelli, que dava assim a contribuição possível, embora essa os magoasse ao extremo. Quantos e quantos seriam os exemplos semelhantes se fôssemos remexer os arquivos empoeirados! Que

desfilar ininterrupto de nomes teríamos aqui de apresentar das mulheres sorocabanas que, despojando-se de suas jóias, receberam senhas as quais posteriormente, em solenidade na Catedral, das mãos de outras moças receberiam o simbólico anel de ferro com a inscrição “Dei ouro para o bem de São Paulo”! A coordenação dos trabalhos da Campanha do Ouro em Sorocaba foi atribuída às senhoras Judith Rosa Tavares e Diva Amaral Sampaio. Também se destacaram a Profa. Ondina Amaral, Daiel Gonçalves, Zélia Sampaio, Ivete Tunis, Elza Cerqueira Cezar e Heloysa de Campos.

Não podemos nos esquecer da necessidade de se fazer um levantamento detalhado do trabalho anônimo de muitas senhoras que, como operárias, atenderam na indústria, nas oficinas da Sorocabana, substituindo a mão-de-obra masculina, enfrentavam prensas e outras máquinas para que se concretizasse a substituição do tradicional boné de brim cáqui, pelos capacetes de aço e uma infinidade de artigos metálicos.

Nas campanhas de alistamento e de arrecadações para o atendimento ao soldado paulista nas trincheiras, destacaram-se as moças Santinha Pereira, Branca Santos Costa, Amélia Poças e Cordélia Sampaio, todas do Batalhão Feminino Sorocabano. Para manter o moral elevado na tropa, estabeleceram-se alguns contatos e auxílios diretos entre combatentes e moças da retaguarda, que enviavam desde cigarros a cartas incentivadoras. Um dos registros que dispomos desse fato, refere-se à intermediação da senhora Carmen Fleury em arrumar “madrinhas” para sete combatentes sorocabanos: Hilário Correia, Ary Seabra, Rubens Scherepel, Rubens Gonçalves, Carmino Scarpa, Brasil Melchior e Jorge Martins. As moças que aceitaram essa incumbência foram: Maria Helena Fleury, Branca Amaral, Dail Gonçalves, Lila de Campos, Jacira de Campos, Ermínia Melchior e Carmen Martins.

Fazemos uma pausa nessas citações com a consciência de que esquecemos inúmeras mulheres sorocabanas que deram muito de si pela Revolução Paulista.

Algum dia um pesquisador criterioso recuperará a memória dessas senhoras que fazem parte da glória de São Paulo, mas de imediato, aos mais afoitos, permitimo-nos indicar como mais completa relação a do livro “A Perseverança III e Sorocaba”, em seu terceiro volume, de 1931 a 1954, do consagrado historiador Dr. José Aleixo Irmão. Com criterioso cuidado esse nosso confrade traz toda uma relação de atividades a que a Mulher Sorocabana se dedicou em apoio à Revolução de 32.

Essa descrição precisa ser retomada e preenchidas suas lacunas para recuperarmos a decisiva participação dessas valorosas jovens senhoras na manutenção da dignidade e altivez do povo bandeirante, ressaltando com orgulho a presença da Mulher Sorocabana em 1932.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALEIXO IRMÃO, José. **A Perseverança III e Sorocaba**. Sorocaba : Fundação Ubaldino do Amaral, 1995. v. 3 (1931-1954)
2. ALMEIDA, Aluísio. **História de Sorocaba**. Sorocaba : Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba, 1969.
3. CRUZEIRO DO SUL. Sorocaba, 1932
4. DONATO, Hernâni. **A Revolução de 32**. São Paulo : Círculo do Livro, 1982.
5. FRIOLI, Adolfo. Sorocaba 1932. **Revista da Academia Sorocabana de Letras**. v. 4 , n. 4, p. 32 - 55, set. 1982. (Ed. Especial Comemorativa)
6. GARCIA, Lindolfo. Sorocaba - Participação na Revolução Constitucionalista 1932 - MMDC : "Orgulho dos Paulistas" - 1932 - 1982 - Sorocaba, homenagem do I. E. **Ciências e Letras**. p. 11-14, 1982
7. JOB, Vera Ravagnani. 1932 - A Participação da Mulher. **Revista da Academia Sorocabana de Letras**. v.4, n. 4, p. 95 - 102, set. 1982. (Edição Especial Comemorativa)

DOCUMENTAÇÃO ORAL

GIAPPONESI, Maria de Lourdes Dias - Informações sobre sua atuação.

RODRIGUES, Aracy Grohmann - Informações sobre sua atuação.

RUSSO, Vicente - Informações sobre sua atuação.

DOCUMENTAÇÃO MANUSCRITA

MARINS, Maria de Castro Afonso - Autobiografia.